

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

GLÓRIA PRISCILA SOUZA MARTINS

**PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES
EM COLABORAÇÕES PEDAGÓGICAS
DO SUBPROJETO DE TEATRO DO PIBID UFRGS**

Trabalho de conclusão do curso
de Licenciatura em Teatro sob
orientação da Profa. Dra.
Vera Lúcia Bertoni dos Santos
e Co-orientação do Mestrando
Jeferson Cabral.

Porto Alegre, dezembro de 2016.

RESUMO

O foco do trabalho são propostas de cunho interdisciplinar desenvolvidas por bolsistas do Subprojeto de Teatro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UFRGS em colaboração pedagógica com professores de escolas públicas de Educação Básica de Porto Alegre (RS). Na modalidade “colaboração pedagógica”, os futuros professores de teatro relacionam-se com os processos de aprendizagem dos estudantes envolvidos, atuando interdisciplinarmente junto a diferentes disciplinas do conhecimento, compartilhando conteúdos, práticas pedagógicas e experiências em teatro. O trabalho de campo envolve a coleta de dados sobre propostas realizadas, em relatórios, produções acadêmicas, publicações do PIBID e entrevistas com bolsistas e professores colaboradores. A reflexão sobre essas experiências fundamenta-se em teóricos da pedagogia do teatro, como Spolin, Koudela, Desgranges, Icle e Santos, e em estudos sobre interdisciplinaridade, de autores como Hernández e Fazenda. Além de evidenciar a perspectiva interdisciplinar das propostas, e sua relevância no âmbito escolar, o trabalho propõe-se a dar visibilidade às ações do PIBID Teatro da UFRGS.

Palavras-chave: teatro; pedagogia; colaboração; interdisciplinaridade; PIBID.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos pelo carinho e aprendizado. Grata por ser minha orientadora.

Agradeço ao meu co-orientador, Jeferson Cabral, sem o qual não haveria TCC.

Ofereço meu diploma a ele, que mora no meu coração.

Agradeço ao meu amor, Rafael Pohren Fernandes, que me acompanhou durante toda graduação, desde a prova específica do vestibular. Me ajudou e aguentou todas minhas crises de ansiedade, quando se aproximava o prazo final de cada trabalho acadêmico.

Agradeço à minha sogra, Nara Loeci Pohren e à minha cunhada Camila Fernandes, que me acolheram no seio do seu lar e me deram o suporte necessário para que eu me mantivesse estudando.

Agradeço ao meu pai, Robson Ubiratam Machado Martins, que me incentivou a continuar a graduação e que prometeu sempre me ajudar para que isso fosse possível e assim o fez.

Agradeço aos meus irmãos, João Ubiratam Souza Martins e Maria Lisandra Souza Martins, que me ensinaram a ler e escrever e sempre me incentivaram a continuar estudando.

Agradeço minha madrinha Magda Patrícia Machado Martins por todos os livros que me deu, sempre nutrindo meus saberes acadêmicos.

Agradeço à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFRGS pela concessão dos benefícios que me mantiveram estudando.

Agradeço à minha mãe, Maria Clarice Souza, minhas avós, Alice Souza, Loecy Amador Sprenger e Donária Martins pelo incentivo.

SUMÁRIO

Introdução.....	4
1 – Sobre o PIBID.....	11
1.1 – Relações político-institucionais.....	14
2 – A noção de “disciplina” e suas ramificações.....	18
3. – Práticas interdisciplinares no PIBID Teatro UFRGS.....	21
3.1 – Teatro e história – matrizes africanas.....	21
3.2 – Teatro e história – revolução francesa	23
3.3 – Minhas experiências interdisciplinares	25
Considerações finais	29
Referências.....	30

Introdução

Fui criada em uma família católica, frequentando a missa todos os domingos e participando das atividades oferecidas pela Paróquia Imaculado Coração de Maria, localizada na cidade de Esteio, região metropolitana da capital gaúcha. Uma das primeiras atividades de que participei foi o grupo infantil Perseverança, que utilizava o teatro para recreação infantil e início da catequização. Foi no grupo Perseverança que descobri minha vontade de fazer teatro e passei a cogitar a possibilidade de fazê-lo como profissão.

Depois da Catequese e da Crisma, alguns dos rituais católicos dos quais participei, entrei para o grupo teatral Liberdade de Voar, no qual as peças de teatro eram usadas como ferramentas evangelizadoras. Neste grupo encenamos a Páscoa (Paixão de Cristo), o Natal e algumas outras peças de cunho cristão, mais especificamente sobre o conceito de "família católica".

À medida que amadureci, passei a questionar os valores católicos e fui tomando consciência de minhas próprias crenças. E quando a rebeldia adolescente aflorou, passei a inverter o processo: ao invés de ter no teatro um complemento das práticas evangelizadoras, passei a fingir ser evangelizada para continuar fazendo teatro.

Na minha vida escolar, nas escolas Oswaldo Aranha, onde cursei o antigo Primeiro Grau (atual Ensino Fundamental), e José Loureiro da Silva, onde cursei o antigo Segundo Grau (atual Ensino Médio), tentava botar em prática minha criatividade e empolgação pelo teatro, transformando os trabalhos apresentados de Inglês, Literatura e História em peças. Criava roteiros, idealizava figurinos, interpretava personagens e tentava motivar meus colegas a participarem das minhas "invenções cênicas".

Um dos trabalhos realizados ao longo dos trimestres na disciplina de Inglês era o de cantar músicas com letras nesse idioma, escolhidas pelo próprio aluno, com o objetivo de avaliar a pronúncia. E como toda e qualquer possibilidade de apresentação eu transformava em espetáculo, passei a pesquisar o significado e contexto histórico das músicas que gostaria de cantar, pois assim poderia interpretar não só a pronúncia da letra da música, mas o seu significado poético. Preparava cenário, figurino, maquiagem e coreografia e tentava fazer com que meus colegas apresentassem comigo.

Nas aulas de Literatura havia o trabalho de leitura e apresentação de alguns livros, pré-determinados ou não. Nas apresentações individuais eu costumava realizar um tipo de contação de histórias e nas apresentações em grupo interpretava cenicamente determinadas partes que dessem uma noção geral do livro. Responsabilizava-me pelo roteiro, determinava as falas, figurino e movimentação dos meus colegas. Assim como nos trabalhos de Inglês, nem sempre obtinha os resultados que esperava, pois meus colegas, além de não terem a mesma motivação pelo teatro, pareciam não compreender o que eu queria e não seguiam minhas indicações.

Nas aulas de História eram propostos seminários, nos quais cada grupo escolhia uma parte do conteúdo em desenvolvimento e apresentava da maneira que quisesse, objetivando a melhor compreensão dos fatos históricos e seus contextos. Sempre tentei que meus colegas de grupo apresentassem exercícios teatrais. Me encarregava do roteiro, construía dramas, determinava figurino, utilizava todo o meu material físico e intelectual, mas meus colegas não embarcavam comigo nesse imaginário e eu não entendia o porquê, e me chateava.

Hoje compreendo que faltava muito em mim e em meus colegas, a possibilidade de “embarcar” em histórias sem a obrigação escolar, a liberdade de criar e se envolver nessas histórias com o corpo todo e, claro, o preparo corporal, o domínio dos movimentos e a conscientização das possibilidades que nosso corpo traz, sem vergonha e medo dos julgamentos alheios. Todavia, minha trajetória como entusiasta do Teatro transformou-se em desejo. Decidi, precocemente, que seguiria esse ofício como profissão e procurei o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como meio de ingressar na universidade.

Em 2011, ingressei no curso de Licenciatura em Teatro da UFRGS e, em 2014, conheci e passei a fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UFRGS, uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) do governo federal, que visa inserir o discente de graduação em licenciatura na realidade da escola pública, como uma forma de motivar a docência e estreitar as relações entre a Universidade e a Educação Básica.

O PIBID UFRGS abrange Cursos de Licenciatura de diversas áreas do conhecimento e desenvolve-se em parceria com diversas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio de Porto Alegre. No caso do Subprojeto de Teatro, essa parceria ocorre atualmente com duas instituições – o Colégio Estadual Marechal Floriano Peixoto e o Instituto de Educação General Flores da Cunha, ambas da Rede Pública do Estado do Rio Grande do Sul – e envolve um total de 12 estudantes de Licenciatura em Teatro, duas professoras Supervisoras, especialistas na área, e uma Coordenadora, do quadro docente da UFRGS, lotada no Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes.

No PIBID Teatro observam-se duas modalidades de trabalho: as oficinas de iniciação teatral, que se desenvolvem no turno inverso das atividades de classe dos estudantes da escola regular, e a outra as colaborações pedagógicas, realizadas em parceria com professores de outras disciplinas do conhecimento que se disponham a trabalhar interdisciplinarmente.

Meu trabalho inicial na condição de professora realizou-se nas colaborações pedagógicas. A primeira turma em que dei aula na minha vida foi o "Pré 2 Vermelho", uma turma da Educação Infantil do Instituto de Educação General Flores da Cunha, em Porto Alegre. Nessa turma trabalhei com acompanhamento da professora regente de classe, a partir de atividades de faz-de-conta e da dramatização de histórias criadas pelas próprias crianças. O incentivo para a criação dessas histórias eram conteúdos abordados em sala de aula, como a conscientização ambiental, colorimetria básica, coordenação motora, relações familiares e musicalização.

Além do trabalho em sala de aula, um dos compromissos do bolsista PIBID é participar dos Seminários Institucionais realizados sistematicamente pelo Programa, na perspectiva de compartilhamento do trabalho realizado nos diferentes Subprojetos e de debater determinados temas de interesse geral. Nessas ocasiões são apresentados trabalhos que estão sendo feitos e discussões sobre eles.

Um dos primeiros Seminários Institucionais que participei ocorreu no ano de 2014, momento em que se estabeleceu como foco temático de trabalho a relação entre "docência colaborativa e interdisciplinaridade". Esse tema propiciou intensas discussões sobre noções que me pareceram extremamente complexas e, ao mesmo tempo, instigantes, motivadoras. Naquele momento me dei conta que

as práticas com as quais eu me envolvia até então, como aluna e como professora do “Pré 2 Vermelho”, tinham um nome: interdisciplinaridade. E passei a querer saber mais sobre o assunto.

Influenciada por essas experiências de cunho interdisciplinar referentes à docência em Teatro, estabeleço o questionamento central da pesquisa sobre a qual discorro neste Trabalho de Conclusão de Curso: como acontece e quais os impactos da interdisciplinaridade nas colaborações pedagógicas realizadas no Subprojeto de Teatro do PIBID da UFRGS?

A interdisciplinaridade vem sendo construída como conceito à medida que é realizada. O nome relaciona-se às ideias de desconstruir a noção de disciplinas fragmentadas e trabalhar em conjunto, e de totalidade do pensamento humano em torno de um determinado assunto. Infelizmente o teatro muitas vezes é deixado de lado no processo interdisciplinar de cooperação nas áreas de conhecimento, sendo usado apenas como ferramenta para o aprendizado destas.

Nas colaborações pedagógicas do PIBID, em que eu e alguns colegas bolsistas do programa trabalhamos, buscamos a combinação e a real colaboração entre as áreas em prol do aprendizado. Pensando nisso, eu desejo, com este trabalho, refletir sobre as práticas de interdisciplinaridade realizadas nas colaborações pedagógicas do PIBID UFRGS, documentar e mostrar que é possível uma prática interdisciplinar na qual o teatro figura como agente, e não como mera ferramenta.

Sendo assim, como objetivo geral pretendo refletir sobre experiências interdisciplinares no Subprojeto Teatro pertencente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no que diz respeito às colaborações pedagógicas realizadas em disciplinas de professores de outras áreas do conhecimento. E como objetivos

específicos, busco discorrer sobre o significado dos termos disciplina, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, e refletir sobre suas diferenças. Com isso, pretendo dar visibilidade aos trabalhos realizados no PIBID Teatro UFRGS na perspectiva interdisciplinar.

Com este trabalho proponho-me a dialogar com outros professores que desejem planejar atividades de cunho interdisciplinar e a evidenciar formas de ensinar que reverberam positivamente em processos de Educação Básica. Acredito que a documentação dessas atividades e processos seja possível valorizar ainda mais o PIBID, cuja continuidade se encontra, atualmente, sob forte ameaça, frente à significativa restrição de recursos e aos cortes específicos anunciados nas áreas de Artes e de Educação Física (que na corrente proposta de reforma do Ensino Médio são suprimidas do currículo escolar).

Para isso, tomo como inspiração à pesquisa a noção de estudo de caso. Essa metodologia abarca minha imersão no campo a ser estudado e as relações que estabelecerei com as noções teóricas sobre interdisciplinaridade. Ainda, pensar o estudo de caso fortalece um espaço específico a ser adentrado por mim, a escola.

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga o fenômeno dentro de seu contexto da vida real quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (Yin, 2001, p. 32).

Desta forma, compartilho minhas experiências como bolsista do PIBID paralelamente a de outros envolvidos no subprojeto do teatro.

Organizei o trabalho em etapas distintas. A primeira consistiu em pesquisar nos arquivos do PIBID Teatro UFRGS quais trabalhos de colaboração pedagógica foram realizados nos últimos anos. Após um primeiro levantamento, selecionei escritos de outros licenciandos

bolsistas sobre suas experiências em espaço escolar por meio do PIBID.

Na etapa seguinte, procurei analisar criticamente estes escritos, pelo viés do trabalho interdisciplinar realizado nas colaborações.

Na quarta etapa, refleti sobre a minha própria prática a partir dos relatórios de aulas já realizadas e procurei responder às minhas questões e objetivos com a colaboração pedagógica em que trabalho atualmente, na Turma 211 C, do 1º ano do Ensino Médio, na disciplina de Literatura, no Colégio Estadual Marechal Floriano Peixoto, em Porto Alegre.

Por fim, na última etapa, sistematizei os dados produzidos para efetivar a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso.

1. Sobre o PIBID

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi criado em 2009, pelo Departamento de Educação Básica (DEB) do Ministério da Educação (MEC), com verbas administradas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O PIBID tem por objetivo central antecipar o vínculo do aluno de graduação presencial ao ensino público, oferecendo estágios nos colégios estaduais e municipais cadastrados, bem como fortalecer o ensino em colégios com baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Ademais, o programa visa articular a teoria dada pela universidade à prática dos estágios nos colégios públicos, idealizando integrar as Instituições de Ensino Superior (IES) às escolas de educação pública básica. As atividades buscam aperfeiçoar e valorizar a formação de futuros professores para a educação básica e fortalecer a formação continuada de docentes.

Como estrutura institucional o PIBID possui um sistema complexo de funcionamento, sobre o qual discorro a seguir.

A Coordenação Institucional na IES fica a cargo de um professor de licenciatura, que coordena o projeto PIBID dentro da sua IES. Ele é responsável pela logística do funcionamento geral do PIBID e todos seus Subprojetos. A docente que ocupa esse cargo na UFRGS, atualmente, é a professora Roselane Zordan Costela.

A Coordenação de Área de Gestão de Processos Educacionais auxilia a coordenação institucional, no que se refere às práticas pedagógicas utilizadas nas atividades do PIBID. Atualmente, a responsabilidade desta função em nossa instituição é das professoras Andrea Hofstaetter, Ingrid Sturm e Luciane Uberti.

A Coordenação de Área refere-se à atuação de professores de licenciatura que se responsabilizam pela organização das atividades do PIBID em seu Departamento de atuação. No caso do Subprojeto de Teatro, a Coordenadora atual da Área é a professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, lotada no Instituto de Artes, no Departamento de Arte da Dramática da UFRGS.

A Supervisão estipula a participação de um professor pertencente ao quadro de docentes da escola de Educação Básica que abriga as atividades do PIBID. Este professor administra os bolsistas no que diz respeito às suas práticas em sala de aula (horário e local das aulas realizadas, reuniões, professores e alunos interessados em participar) e no diálogo com a direção e demais membros da comunidade escolar.

Como mencionei anteriormente, no subprojeto Teatro, as práticas docentes acontecem atualmente em duas instituições de Ensino Básico: o Instituto de Educação General Flores da Cunha, supervisionado pela professora licenciada em Teatro Priscila da Silva Correa; e o Colégio Estadual Marechal Floriano Peixoto, supervisionado pela também professora licenciada em Teatro Sílvia Regina Ferrari.

Os bolsistas são selecionados pela Coordenadora de Área, através de inscrições prévias estipuladas em Edital de Seleção de Bolsistas de Iniciação à Docência. Cabe ao bolsista propor temas para o planejamento de aulas e a execução das mesmas, comparecer às reuniões semanais com a Coordenação de Área e Supervisão do colégio. Também é um dos compromissos do bolsista PIBID participar dos Seminários Institucionais que o programa realiza semestralmente. O aluno bolsista recebe, como contrapartida, remuneração em forma de bolsa.

Como modalidades básicas de trabalho do subprojeto teatro têm-se: as “oficinas de iniciação teatral”, realizadas como atividade extraclasse, ou seja, no turno inverso daquele frequentado regularmente pelos estudantes das escolas; e as “colaborações pedagógicas”, desenvolvidas junto a disciplinas regulares do currículo escolar.

As oficinas compreendem experimentações pedagógicas dos bolsistas enquanto futuros docentes, articuladas a desejos de abordagem de conteúdos de teatro a demandas dos estudantes da escola. Os bolsistas planejam as aulas auxiliados pelo Coordenador de Área e pelo Supervisor da escola; e, após o planejamento, desenvolvem a logística de divulgação das suas propostas de oficina. O trabalho de divulgação consiste em apresentar as ideias da oficina em todas as salas de aula da escola, criando um contato direto com os futuros oficinandos, o que facilita a definição de horários para realização das propostas e a abordagens dos conteúdos a serem desenvolvidos. Os encontros são realizados semanalmente, em um espaço disponibilizado pela escola, por meio do supervisor.

Já nas colaborações pedagógicas, o Supervisor indica professores de outras disciplinas que manifestem interesse em trabalhar interdisciplinarmente com bolsistas de teatro. O bolsista conversa com o professor sugerido e, juntos, estipulam atividades relacionadas aos objetivos do plano de ensino da disciplina e aos interesses e desejos de ambos. As atividades do bolsista junto à turma ocorrem com o acompanhamento permanente do professor, que discute e avalia o trabalho. É sobre esse tipo de prática docente que discorro ao longo deste texto.

Na UFRGS, o Subprojeto Teatro foi pioneiro no país. Fato que implicou na grande procura de outras universidades em busca de

consultoria para compreensão do funcionamento das atividades teatrais do projeto.

Como já mencionado, um dos compromissos do bolsista do PIBID é o comparecimento nas reuniões semanais com o coordenador de área, supervisor do colégio e demais bolsistas. Nessas reuniões analisamos o trabalho realizado e projetamos melhorias na prática dos planos de aula. Para mim essas reuniões são muito caras, visto que desenvolvem nossa capacidade crítica sobre nossa inicial prática docente, possibilitando avanços significativos na formação dos bolsistas.

Há também o momento do compartilhamento das experiências, o que, no Subprojeto Teatro, é chamado de "Troca de Figurinhas". Esse momento representa o encontro de todos os bolsistas e seus alunos em um espaço de troca, no qual cada turma contemplada pelas atividades apresenta criações cênicas referentes ao seu aprendizado no ano. A Troca de Figurinhas é um espaço primordial de construção de conhecimento, pois a interação vivenciada com o fazer teatral durante todo o ano letivo encontra o olhar de espectadores.

1.1. Relações político-institucionais

A seleção das universidades para participarem do projeto dá-se por meio de Edital lançado pelo Governo Federal através do Ministério da Educação. No ano de 2016, tivemos a surpresa da modificação do Edital, pela Portaria 046. A portaria alterava o objetivo central do PIBID, que era o de aperfeiçoar e valorizar a formação de futuros professores para a Educação Básica, para o de fortalecer o ensino em colégios com baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Em meados de 2016, o governo, ainda interino, do presidente Michel Temer anuncia uma nova portaria para as atividades do PIBID. A ação propunha alterar as premissas principais do Programa, criando posicionamentos que diminuiriam a importância das atividades docentes realizadas pelos bolsistas dentro das universidades. Ademais, a Portaria previa corte em diversas áreas de atuação, dentre elas Artes. As Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro desapareceriam do Programa. Tal atitude viria na contramão da nova lei do MEC, na qual consta a obrigatoriedade desses componentes curriculares na Educação Básica.

O discurso que advoga pela necessidade de exclusão desses componentes do currículo tem por base a ideia de objetivar o ensino dos alunos para áreas de conhecimentos mais abrangentes e "importantes" à formação, como Português e Matemática. Nessa perspectiva, tem-se também o corte ao "PIBID Diversidade", Programa que funciona da mesma forma que o projeto já explicado, mas que contempla bolsas de iniciação à docência que estabeleçam relações com escolas indígenas e rurais.

A modificação da hierarquia do PIBID, citada anteriormente, propunha a mudança da coordenação do programa nas instituições para a coordenação pedagógica, e não mais para a geral. A coordenação pedagógica seria responsável por controlar o funcionamento dos subprojetos. Ainda, haveria consideráveis mudanças dentro das escolas atendidas pelo PIBID: os supervisores de uma escola não trabalhariam somente em sua instituição, mas atenderiam outras, exercendo a mesma função. Isso acarretaria sérios entraves ao trabalho, pois seria muito difícil aos professores supervisores mediarem relações alheias, que se estabelecem numa escola cuja realidade ele desconhece. Desse modo, o corte dos investimentos do PIBID diminuiria os envolvidos no Programa e

acarretaria mais trabalho aos que permanecessem, sem qualquer remuneração extra. Ademais, os cortes representam a diminuição considerável de investimentos nas bolsas de iniciação à docência.

O PIBID sofreu um período de muitas incertezas durante a tramitação da nova portaria. Houve o anúncio de que os cortes afetariam o Programa, principalmente nos subprojetos ligados à área das ciências humanas. Após uma expressiva articulação nacional, o governo volta atrás e anuncia a continuidade das atividades, porém, a sensação de vácuo institucional ainda é evidente, pois os caminhos futuros ainda são incertos.

A incerteza materializa-se não somente nos cortes, mas também nos projetos de lei em tramitação no Congresso e Senado Federal, bem como nas Assembléias Legislativas. Trago como exemplo a atual PEC 55 (que já foi PEC 241 no Congresso), que prevê o congelamento dos gastos com educação e saúde por 20 anos, sem contar os outros retrocessos. Há também a discussão sobre o projeto Escola “Sem Partido”, que é conhecido pelas classes docente e estudantil como “A Lei da Mordça”. Esse projeto impõe restrições ao desempenho do professor em sala de aula, tais como, a censura de posicionamentos políticos em sala de aula, a não discussão sobre temas considerados como “tabus”, como é o caso da discussão de gênero. O que realmente aconteceria com a aprovação de tal projeto é o cerceamento da reflexão crítica do aluno perante os fatos sociais que nos atravessam como cidadãos e a criminalização do professor.

Para discutir outros retrocessos, aponto a proposta de reforma do Ensino Médio, medida provisória que, dentre muitos aspectos, restringe a obrigatoriedade das disciplinas de Arte e Educação Física. A restrição colocaria essas disciplinas como facultativas, sob justificativa de expandir ensino técnico. Arrisco dizer que tal proposta fomenta a construção do “povo que se quer”, uma juventude que

representa mão de obra barata para o mercado de trabalho, e que, com poucas condições de posicionar-se de forma crítica frente à realidade, tende a transformar-se em “massa de manobra”.

Nesse cenário, considero a luta pela permanência do PIBID um gesto de resistência, visto que ele representa a criação de um plano de educação voltado à construção de professores mais capacitados e com uma experiência real do espaço escolar antes de sua entrada efetiva após a graduação, capazes de fazer a diferença na Educação Básica pública. O PIBID afirma-se como um marco político da educação brasileira, de incentivo às licenciaturas, de investimento na escola de qualidade para todos. Contudo, como esses foram avanços de um governo comprometido com a educação popular, que, no momento atual de nosso país, correm riscos.

Compartilhadas as informações sobre o PIBID – sua estrutura, funcionamento e condições de existência na atual conjuntura –, reflito sobre o meu vínculo como bolsista e sobre as atividades que exerci nos anos em que estive vinculada ao projeto, dentre as quais, a colaboração pedagógica, que concentrou a maior parte das minhas experiências. Nos dois últimos anos venho trabalhando em parceria com professores do Colégio Marechal Floriano Peixoto, em atividades que reafirmam o recorte de pesquisa do presente estudo, que é a relação interdisciplinar, discutida nos próximos capítulos.

2. A noção de “disciplina” e suas ramificações

Neste capítulo trago reflexões breves, e ainda muito iniciais, sobre a noção de disciplina, considerando um campo abrangente que engloba diversas ramificações, “lugar” onde encontro a noção de interdisciplinaridade, a partir da qual reflito sobre as colaborações pedagógicas evidenciadas no Subprojeto Teatro do PIBID UFRGS – foco deste trabalho.

Torna-se difícil problematizar a questão da interdisciplinaridade sem considerar as discussões sobre a noção de “disciplina”. Com isso, discuto, de forma breve, alguns aspectos sobre disciplina, centrando o olhar em seu funcionamento no âmbito escolar. Alio-me ao estudo desenvolvido pela pesquisadora Lisinei Fátima Rodrigues para embasar meus argumentos, pois a discussão envolve noções extremamente complexas, que desafiam a minha capacidade de reflexão e escrita.

No âmbito escolar o termo “disciplina” designa a compartimentação dos saberes científicos, correspondentes às distintas áreas do saber, com vistas à sistematização do processo de ensino e aprendizagem. O senso comum costuma atribuir à palavra disciplina outros significados, que remetem a rigor, postura, comportamento frente à sociedade. Neste trabalho, atendo-me à noção de disciplina e às suas ramificações no espaço escolar.

De acordo com Rodrigues (2012, p. 27), “a pluridisciplinaridade, outra palavra composta para o prefixo de origem Latina acrescido do radical da origem da palavra disciplina, resulta no conceito que significa várias disciplinas assemelhando-se ao significado de multidisciplinar”. Nessa perspectiva, a pluridisciplinaridade é a justaposição das disciplinas em um sistema de ensino que deixa

evidente a divisão das disciplinas; ou seja, é como funciona grande parte das nossas escolas atualmente.

Já a multidisciplinaridade caracteriza o trabalho sobre um mesmo tema sob as óticas de cada disciplina do conhecimento, mas sem que haja a fusão desses saberes, que se processam separadamente. Muito comum atualmente, a multidisciplinaridade é frequentemente confundida com a interdisciplinaridade, mas se tratam de noções distintas. Rodrigues (2012, p. 27) versa sobre esse aspecto:

Compreendo o termo multidisciplinar como uma forma de aproximação entre as áreas do conhecimento que não se dá de modo concomitante. Nessa perspectiva, cada professor aborda a mesma temática sob a ótica de sua disciplina, mas em tempo ou espaço individuais.

Cito como exemplo a abordagem do conteúdo “as reações químicas do corpo humano”, comum às disciplinas de Química e Biologia, mas que não costumam fazer referência a aspectos de uma e de outra, compreendendo os conhecimentos de forma estanque.

Não é possível refletir sobre interdisciplinaridade sem considerar a noção de disciplina. A perspectiva interdisciplinar busca diluir as fronteiras entre o separatismo sólido entre o que é Teatro e História, por exemplo. Assim, existe uma intermediação, um entrelaçamento, interação de uma ou mais disciplinas, sem um tema necessariamente eleito, sem estabelecer divisão entre os saberes.

A transdisciplinaridade caracteriza um avanço ao aspecto interdisciplinar, pois não há definição de disciplinas, e os saberes transbordam, borram e vão além das definições. Nas palavras de Rodrigues (2012, p. 23):

A procurar o sentido que o prefixo trans pode oferecer aos radicais que sucedem, e aproximá-lo com o termo que investigo, compreendo que a disciplina passa a ter uma dimensão alterada no que se refere às suas fronteiras. Tal transbordamento permite uma interpretação

múltipla, tanto no que se refere ao fato de que a divisão em disciplinas é algo possível de ser superado, numa visão favorável ao 'ato de transbordar', como também, numa perspectiva mais cartesiana, de que pode haver uma invasão 'indesejável' de um campo do conhecimento pelo outro.

Após realizar, de forma breve e simplificada, uma abordagem a essas distintas concepções disciplinares, acredito poder adentrar no cerne do estudo aqui pretendido, que enfoca as práticas interdisciplinares no PIBID Teatro.

Contudo, inicio recorrendo à minha memória, considerando que todo o engajamento que tive nas diversas tentativas de "fazer teatro", em tantas oportunidades oferecidas por diferentes disciplinas na escola e em momentos de contato com a igreja, constituem esboços de atividades interdisciplinares.

3. Práticas interdisciplinares no PIBID Teatro UFRGS

Neste capítulo revisito os registros sobre atividades de colaboração pedagógica desenvolvidas por bolsistas do PIBID Teatro em disciplinas de História, Literatura e Inglês, nas escolas em que o programa possui vínculo ativo. Assim, discorro sobre o trabalho dos bolsistas Aloisio Dias e Clarice Nejar, e sobre o meu próprio trabalho. A reflexão procura estabelecer fricções entre a teoria que fundamenta a noção de interdisciplinaridade e sua práxis.

3.1 Teatro e História - matrizes africanas

A primeira prática aqui lembrada foi realizada pela bolsista Clarice Nejar, nos anos de 2009 e 2010. De forma geral, a iniciativa partiu do diálogo entre a bolsista e o então professor Supervisor do Instituto de Educação General Flores da Cunha, professor Geraldo Fischer. Após discussões, foi apresentada a bolsista a possibilidade de colaborar pedagogicamente na disciplina de História, acompanhada pela professora Cláudia Duarte.

Segundo Nejar (2013, p. 41) sua participação na disciplina de história culminou em uma apresentação na semana da Consciência Negra, evento do calendário de atividades da escola. Seu processo contou com a colaboração de mais bolsistas do PIBID: Gabriela Tavares, Marcelo Fantin, Janaína Franco e Ariane Mendes.

No ano de 2009, os bolsistas observaram aulas de História de algumas turmas e perceberam que havia

[...] pouca proximidade dos estudantes com a temática Africana e eu e os colegas bolsistas e vão temos as seguintes indagações como despertar o interesse dos alunos pela cultura Africana de que forma abordar o tema da consciência negra de maneira mais atual e relacionada ao contexto dos estudantes (Nejar, 2013, p.42).

A relação interdisciplinar da bolsista aconteceu motivada pelo evento a ser organizado na escola, e seu interesse surgiu através dessa demanda e também por sua pesquisa pessoal como atriz e cantora, participante de um grupo musical. A interdisciplinaridade constituiu-se pela vontade de trabalhar os arquétipos da cultura Africana nas aulas de História.

Para isso, os bolsistas trabalharam com diferentes proposições teatrais: jogos, leitura de contos africanos, de Reginaldo Prandi e Eduardo Galeano, conversa sobre os temas e imersão no campo da música. Os contos foram lidos e depois interpretados pelos alunos em forma de contação de histórias.

A seguir, houve o trabalho vivencial por meio de improvisações com as energias de cada Orixá. Grupos foram feitos para o melhor andamento das atividades e ao final da experimentação aconteceu uma etapa dedicada à iniciação a instrumentos musicais e a capoeira, ministrada pela bolsista Janaina Moraes. Ao final de oito meses de aulas em parceria com diferentes bolsistas, Nejar convidou a colega e pibidiana Ariane Mendes para colaborar na criação de cenas para apresentação.

Foi a partir dessas improvisações que as cenas começaram a ser desenhadas, e que passamos a perceber nas ações criadas, a particularidade de cada membro do grupo e sua identificação com os contos (Nejar, 2013, p.48).

O trabalho foi apresentado no evento Troca de Figurinhas do PIBID Teatro e deu base a criação do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro apresentado por Nejar no ano de 2013. A autora compartilha suas reflexões sobre a colaboração pedagógica junto à disciplina de História.

Ao término do trabalho os estudantes demonstraram está fortemente motivados envolvidos com o tema, apropriado das histórias e do fazer teatral musical

mais do que chegaram resultado cênico satisfatório, objetivo era sensibilizar o olhar dos Estudantes acerca desse conteúdo, abrindo espaços para a difusão da cultura de matriz africana dentro da escola para o meio da arte (Nejar, 2013, p.51).

Ao estudar o processo da bolsista pude compreender a riqueza da possibilidade interdisciplinar. A cultura Africana constitui nossas identidades como brasileiros e faz parte da história do Brasil. E proporcionar aos alunos da Educação Básica tal relação de reconhecimento é, e foi no caso de Nejar, uma oportunidade única de construção de conhecimento. O Teatro possibilita esse encontro com outras áreas de saberes. Todavia, possui suas premissas particulares e não serve somente como recurso, como ferramenta para discussão de história, por exemplo.

A ideia da interdisciplinaridade não exalta um campo protagonista e outro coadjuvante, mas sim uma fusão com paridade de valores.

3.2 Teatro e História- revolução francesa

O início da atividade aconteceu da mesma forma da que fora relatada no tópico anterior. O trabalho realizou-se no Colégio Estadual Marechal Floriano Peixoto, e a disciplina de atuação do bolsista foi História, tendo o professor Rômulo Ohlweiler como parceiro. O bolsista Aloisio Dias, no ano de 2015, iniciou o acompanhamento das atividades da disciplina, estabelecendo um período de observação na turma. Como é explicitado em suas palavras:

Eu comecei assistindo algumas aulas do professor para ver qual era a matéria. Posteriormente, observei o comportamento da turma. Com isso, constatei que a matéria dada pelo professor referia-se a revolução francesa. A partir disso, os questionei sobre seus gostos culturais, os tipos de música (Dias, 2016, p.1).

Quando o bolsista dispõe-se a participar de uma colaboração pedagógica ele tem algumas semanas para se adaptar à turma e ao trabalho do professor, o que permite que se crie uma relação com os discentes. Com a relação já construída, surge o diálogo entre as vontades dos alunos, o plano do docente titular e a colaboração pedagógica do bolsista.

No caso de Dias, houve a constatação do grande envolvimento da turma com música. Isso motivou a criação do plano de trabalho do bolsista do PIBID. As atividades seguem descritas a seguir:

Os dividi em quatro grupos. Coincidentemente, a Revolução Francesa possuiu o mesmo número de grupos de luta: os jacobinos, os girondinos, os *sans culottes* e os monarquistas. Depois, eu pedi que eles escrevessem uma música que remetesse à Revolução Francesa. Elas poderiam ser paródias. Eles deveriam se apresentar utilizando a música. Abordar às vontades dos grupos que representavam em relação à guerra e quem eram seus rivais (Dias, 2016, p.1).

Em entrevista realizada para este trabalho, Dias contou-me que a turma aderiu à proposta de uma forma surpreendente. O engajamento dos discentes era visto por meio da criação de paródias de músicas conhecidas e na criatividade com que eles usaram a melodia e suas letras referentes à revolução.

É possível dizer que, ao perceber o apreço dos jovens pela música e as relações estabelecidas com os conteúdos da disciplina de história, o bolsista criou um ambiente interdisciplinar, que abriu espaço para os alunos compreenderem os grupos de luta envolvidos no acontecimento histórico, e a contextualização da época e do lugar em que ele ocorreu, a partir de suas visões.

Ademais, o diálogo estabelecido entre o bolsista e o professor titular da turma caracteriza um processo de interdisciplinaridade que ultrapassa o plano de aula. A habilidade de estabelecer acordos e

pensar formas de colaboração faz desse encontro um potente espaço de escuta e aprendizagem dos seus diversos agentes.

3.3. Minhas experiências interdisciplinares

Expresso aqui as experiências que tive como bolsista do PIBID, no que diz respeito a colaborações pedagógicas, ou melhor, minha relação com a interdisciplinaridade dentro do PIBID.

Concentrei a escrita nas atividades que executei nos dois semestres do ano de 2016. No primeiro semestre, estabeleci diálogo com a disciplina de Inglês, sob regência da professora Gabriela Mello, na turma 172 B, do 7º ano do Ensino Fundamental. Minhas atividades como bolsista concentram no Colégio Marechal Floriano Peixoto, sob supervisão da professora Silvia Regina Ferrari.

De forma geral, as vivências que tive como docente no campo interdisciplinar possuem início semelhante aos relatos já descritos. Fato que evidencia certa logística de ação no PIBID Teatro. A partir de uma conversa com a professora supervisora do PIBID na escola fui informada do interesse de uma professora de Inglês nas colaborações pedagógicas de nosso projeto. Desse modo, procurei a professora e definimos um primeiro encontro para que ela explanasse sobre suas expectativas e me possibilitasse um primeiro contato com o seu plano de ensino. Nesse encontro combinamos que eu passaria a atuar junto à turma, iniciando por um período de observação.

Observei algumas aulas da professora, na intenção de visualizar os conteúdos trabalhados e conhecer os alunos. A colaboração iniciou de fato naquele momento, quando tomei conhecimento do que acontecia na aula. Assim, procurei provocar-me sobre como relacionar o conteúdo as premissas do Teatro. Os alunos estudavam vocabulário e

pronúncia acerca das partes do corpo, alimentos, cores e outros substantivos do cotidiano.

Com isso, acreditei que as premissas improvisacionais da pesquisadora norte-americana Viola Spolin (2010) dariam base à minha prática interdisciplinar. Spolin é responsável por uma metodologia de trabalho que objetiva a iniciação à prática da improvisação teatral.

Seguindo o método de Spolin, descrito no livro *Improvisação para o Teatro*, exercitamos alguns jogos das fases de Orientação, Percepção e Atuação com o corpo todo, com o propósito de provocar os alunos a realizarem improvisações sempre exercitando a pronúncia das palavras já aprendidas nas aulas teóricas de Inglês e aprendendo novas palavras, introduzidas pela professora Gabriela na medida das necessidades evidenciadas pelos alunos.

Nas improvisações também trabalhamos a desinibição e o desenvolvimento da criatividade dos alunos. Improvisamos desde situações fantasiosas a cotidianas. Percebo que a interação nos jogos possibilitou aos alunos adentrarem em um espaço lúdico, no qual as palavras em inglês faziam conexões ao desenrolar das cenas criadas. Na metodologia tradicional do aprendizado de uma língua estrangeira, as noções de *Listening* e *Speaking* (em tradução literal: "ouvindo e escutando") são fundamentais. Logo, com essa prática interdisciplinar logramos avanços nessas questões e ainda com um aprendizado na camada de conhecimento referente ao teatro. Ou seja, além das especificidades da língua inglesa, os estudantes criaram relação com premissas pedagógicas do Teatro, como a questão do foco, do ponto de concentração, dentre outros aspectos que compõem a metodologia de ensino de Spolin.

No segundo semestre de 2016, estabeleci relação com a disciplina de Literatura, na mesma escola. O trabalho ocorreu em parceria com a professora Silvana Hainzenreder, na turma 211 C, do 1º ano do Ensino Médio.

A colaboração pedagógica desenvolveu-se a partir do conteúdo trabalhado na disciplina de Literatura, que propunha o estudo do período Barroco, nas aulas teóricas, e a leitura da obra teatral Hamlet, de Shakespeare. A peça traz diversos elementos presentes no período literário estudado, como as relações e sentimentos antônimos, cito como exemplo: céu e inferno, amor e ódio. Ainda são presentes na trama reflexões sobre sentimentos conflitantes e dramas existenciais.

Novamente, os estudos de Spolin foram essenciais para o planejamento e execução das minhas aulas. Desse modo, trabalhei com os alunos situações da peça por meio dos exercícios sobre *onde*, *o que* e *quem*. Esses três pontos são referentes ao que deve ser improvisado em cena. Por exemplo, o *onde* é o lugar onde acontece a situação de improvisação, determinando um espaço existente no texto de Shakespeare, o quarto da rainha, mãe de Hamlet; o *o que* se refere ao que de fato acontece na ação dramática, cito o “assassinato” do pai de Hamlet; e o *quem* corresponde às personagens presentes na situação.

A transposição das cenas escritas para improvisações teatrais provocou uma nova compreensão do texto pelos jovens. As situações lidas e discutidas ganharam uma materialidade no espaço do “aqui e agora”, ação que o ato de improvisar gera. Assim, o trabalho proposto pela professora Silvana Hainzenreder, ou seja, a leitura, o debate e a reflexão da peça, ganhou ramificações com minha prática docente. Nessa experiência, a potencialidade da interdisciplinaridade

se fez presente todos os dias, pois o retorno dos alunos era bastante significativo.

O que eram dois campos separadas por disciplinas (Teatro e Literatura), pulsaram juntos. Essas correlações me fizeram pensar e escrever esse trabalho como uma forma de exaltar o PIBID e a grata possibilidade desses encontros.

Considerações finais

Em suma, busquei, nas fagulhas de memória das colaborações pedagógicas que considero interdisciplinares no PIBID Teatro, uma forma de discuti-las no que diz respeito ao seu funcionamento e em seus impactos tanto para os alunos que se beneficiaram com o programa, como para os bolsistas que as desenvolveram.

Ao chegar nas considerações finais, acredito ter cumprido o objetivo geral do Trabalho de Conclusão de Curso, que foi o de problematizar como acontece, e quais as consequências, das atividades interdisciplinares desenvolvidas no PIBID Teatro da UFRGS.

As práticas pedagógicas analisadas evidenciam um caminho similar na concretização de uma prática interdisciplinar. A construção de um diálogo inicial com o professor regente, a posterior observação da turma e a procura dos bolsistas por conhecer os alunos e propor atividades significativas à abordagem dos conteúdos em jogo na disciplina. Observa-se a relação entre os conteúdos abordados pelos professores titulares ou, como no caso da bolsista Clarice Nejar, um evento em que a presença de manifestações teatrais se revela de fundamental importância. Assim constituindo o elo entre as disciplinas e a interdisciplinaridade com o teatro.

Esse estudo significou para mim uma contrapartida ao aprendizado que tive como futura professora e espero ter trazido informações importantes que registrarão a memória desse Projeto tão relevante à formação superior de professores e à Escola Básica no Brasil.

Referências

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES), Site de apresentação do PIBID. Acesso: 26/10/2016. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>.

ICLE, Gilberto. **Problemas teatrais na educação escolarizada:** existem conteúdos em teatro? Revista Urdimento. Florianópolis, nº 17, setembro de 2011, p.71-77.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Site de apresentação do PIBID. Acesso: 26/10/2016. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>.

NEJAR, Clarice. **Abordagem artística da cultura afro-brasileira no contexto da educação básica.** Trabalho de conclusão (graduação). Licenciatura em Teatro - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

OLIVEIRA, Eduardo Engers. **Diálogos pedagógicos: a interdisciplinaridade no ensino de teatro.** Trabalho de conclusão (graduação). Licenciatura em Teatro - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

RODRIGUES, Lisinei Fátima Dieguez. **Teatro e transdisciplinaridade:** a experiência do projeto Amora no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre, 2012.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Site de apresentação da Coordenadoria das licenciaturas da UFRGS. Acesso: 26/10/2016. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/coorlicen>>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Site de apresentação do PIBID. Acesso: 26/10/2016. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/prograd/pibid>>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Site de apresentação do Seminário Institucional Docência Colaborativa e Interdisciplinaridade. Acesso: 26/10/2016. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/docenciacolaborativa/>>.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Entrevista

Dias, Aloisio. **Entrevista para TCC**. Entrevistadora: Glória Priscila Souza Martins. Porto Alegre. DAD (Departamento de Arte Dramática). UFRGS, outubro de 2016.